

## O NOSSO BAPTISMO DE FOGO

---



Os dias 5 e 6 de Junho de 1969 passaram-se com toda a normalidade, toda a gente perguntava coisas, os que já lá estavam queriam saber como iam os clubes de que gostavam, alguns, poucos, que já se tinham conhecido antes, ou entre os quais havia uma certa familiaridade, queriam saber se o Salazar tinha mesmo caído da cadeira.

Outros queriam saber coisas da terra, outros ainda como andavam as raparigas lá do sítio, alguns ficavam com cara de poucos amigos mas, enfim, tinha que se partir para a próxima.

Também havia os que não perguntavam nada ou porque tinham confiança em quem lá tinham deixado, ou porque não tinham ninguém, ou então, e apesar de só estarem há quatro meses na Guiné, já estavam, como vulgarmente se dizia, “apanhados pelo clima”.

No meio disto tudo havia os que só pensavam no que seria estar mais ou menos vinte e tal meses enfiados naquele buraco, querendo entretanto aprender como é que se poderiam desenrascar para sair dali com vida e poder mais tarde contar aos amigos, família e a toda agente a sua própria experiência.

As perguntas que se faziam sobre o inimigo não tinham respostas concretas, alguns de nós achavam exagero, outros acreditavam, outros ainda perguntavam sobre tudo e todos mas chegavam ao fim e a confusão era total, nem os que lá estavam sabiam o que diziam nem nós sabíamos o que havíamos de perguntar.

Num grupo de homens assim há sempre alguns que pensam nas mulheres, filhos, pais, etc., outros nas namoradas, outros ainda nos amigos. No entanto havia um certo número destes Rapazes que, com toda a certeza, não pensavam em nada, eles estavam ali apenas fisicamente, capacidades para mais não tinham (incluo-me no último grupo).

O dia 7, sábado, passou-se com normalidade - tomou-se o pequeno-almoço e, entretanto, o pessoal da 2464 começou a fazer as malas, pois no dia seguinte teria que arrancar para a sua nova morada.

Almoçou-se, foi-se à tabanca, conversou-se, visitou-se mais uma vez a “Fonte do Caminho” tudo para tentar fazer passar o tempo.

Por volta das oito horas o jantar, mais umas cervejas e tudo bem, só que...

Sensivelmente às vinte para as dez, andava ainda muita gente na parada, estava um luar africano que dava gosto ver, mas, apesar da sua intensidade, podiam-se ver no firmamento muitas constelações do hemisfério Sul e olhar para o céu era como se estivéssemos a ver um mapa à nossa frente.

Qualquer pessoa que pensasse um pouco poderia julgar que num lugar como aquele nada de mau poderia acontecer.

Eu e o alferes do meu pelotão deslocávamo-nos para os abrigos onde pernoitávamos. Ainda ficávamos em sítios diferentes, ele no que mais tarde seria a nossa caserna-abrigo e eu no que seria a da formação, a qual ficava paralela à picada Binar-Bissorã, e eis que a meio-caminho, quando passávamos junto aos balneários, ouvimos rátátátá, rátátátá, puf, puf, puf, pum, pum, ssss, ssss, pum, instantaneamente todo o ar por cima do quartel ficou com uma chuva de pirilampos tracejantes, ou riscos, ou traços, ou que quer que fosse, as “costureirinhas” com as suas balas tracejantes davam um espectáculo aterrador.

As explosões foram de imediato ensurdecedoras, as sentinelas, nesse dia duplas, uma da 2464 e outra da 2531, não tiveram tempo de avisar, todas elas foram colhidas de surpresa, limitaram-se a saltar do posto para o abrigo.

Corremos o mais que pudemos, cada um para seu lado.

Atirei-me para dentro do abrigo de qualquer maneira, eu e todos os que estavam na parada, pois naquela altura havia apenas um interesse, arranjar protecção o mais rápido possível, depois alguma coisa haveria de ser feita.

Já todos no interior dos abrigos começou a surgir alguma réplica, mas até se tornar eficaz demorou ainda algum tempo, que o IN aproveitou para avançar e aproximar-se bastante, ao ponto de haver pessoas que garantiram que chegámos a ser flagelados com granadas de mão.

Quando as nossas *brownings*, morteiros, bazucas e tudo o que nós tínhamos que fizesse fogo entraram em acção houve algum recuo por parte do IN, mas a intensidade do fogo era brutal.

Havia gente com medo, alguns quase a rasar o pânico, outros gritavam, outros, a maior parte, pegaram nas G3 e vieram para a barreira, tendo-os eu acompanhado com todo o medo imaginável mas dominando-o, pois havia que defender acima de tudo e naquela ocasião a minha vida.

O abrigo onde o alferes Guedes estava quase não tinha acção nem defensiva nem ofensiva, pois o caminho para a tabanca cruzava-se à frente do mesmo, quando ele tentou fazer fogo foi aconselhado a não o fazer pois podia sacrificar alguém da milícia (uma das primeiras acções que fizemos quando tomámos conta do aquartelamento foi alterar o percurso para a tabanca).

Começou finalmente, e após a confusão inicial, a haver alguma disciplina, correcção de posições por intermédio dos graduados e das ordens de comando dadas pela rádio.

Não nos podemos esquecer que era a primeira vez que éramos confrontados com uma acção destas e que a 2464 foi apanhada completamente desprevenida, pois estavam quase duas companhias sediadas no aquartelamento e não lhes passou pela cabeça que fossemos atacados com tanta gente lá dentro.

Suponho que não conheciam ainda bem o IN.

O arraial de fogo continuou, a nossa situação tornou-se bastante ingrata.

As munições começaram a faltar nos abrigos.

Havia que ir ao paiol, só que quando lá se chegou, a porta estava fechada, quando da conferência de material da outra companhia para a nossa alguém ficou com a chave e não se sabia quem.

Nos abrigos a situação tornou-se insustentável, a falta de munições era um facto real.

- Porra pá, a merda das munições quando vêm? - Gritavam os apontadores de metralhadora. Do mesmo modo as granadas de bazuca, morteiro 60 e tudo o mais estavam nos limites e a porta do paiol continuava fechada.

Depois de muito bater com blocos de cimento, pedras e uma alavanca de ferro lá se conseguiu arrombar a porta.

Agora havia que remuniciar todos os abrigos o que se fazia numa corrida louca em ziguezague, as explosões de morteiro, canhão, rpg7 eram constantes, as balas sibilavam, mas nós continuávamos a ter que sair dos abrigos e ir aos pares à procura de caixotes de munições e de tudo o mais que se precisava.

Na tabanca dezasseis moranças ardiam, o clarão era impressionante, bem como os gritos das mulheres, o choro angustiado das crianças, o sibilar das balas, o estrondo das explosões, todo o Biambi era um inferno de sons e fogo.

O IN estava à espera que isso acontecesse pois a intensidade de fogo na direcção da tabanca era revelador, se conseguissem entrar e tomá-la como suporte de apoio nós teríamos passado um mau bocado.

Começaram a faltar munições aos milícias na tabanca e estes teriam de se deslocar ao aquartelamento, o que era bastante difícil pois, além de ainda serem uns bons metros, o terreno era descampado, tornando-se as silhuetas um alvo fácil dada a claridade existente devida ao luar e aos incêndios. Era uma atitude temerária, mas imprescindível e eles lá vieram

à procura de munições para espingarda, granadas de morteiro e de bazuca, o que, felizmente para todos, conseguiram encontrar.

Disseram-me que o dia 7 de Junho era dia de Santa Rita, como não sabia acreditei.

Houve muitos que lhe pediram ajuda e ela deu uma mãozinha.

Sensivelmente às onze horas, a intensidade dos bombardeamentos e dos rebentamentos era constante.

Para completar os nossos problemas a *browning* que estava no abrigo que dava maior protecção para a zona da mata, devido ao seu ângulo de tiro, resolveu encravar, ou melhor dizendo, houve uma peça que se partiu.

Ficámos apenas com duas metralhadoras pesadas, uma russa e outra americana.

Então sim houve algum pânico, pois a nossa defesa começou a ser precária e se o IN se apercebesse da fraqueza daquela zona teria intensificado o ataque como estava a fazer na tabanca.

Aí Santa Rita entrou em acção, guiou uma granada de morteiro, bazuca, canhão, rpg7 ou outra qualquer de encontro a um *bidon* de combustível (o nosso combustível estava no exterior do quartelamento. Os *bidons* eram colocados num buraco, tipo vala, mas sempre separados alguns metros entre si, evitando que houvesse qualquer tipo de comunicação directa entre eles, no caso de algum derramar). A granada ao rebentar desfez o *bidon*, incendiou o combustível, o estrondo foi formidável e as labaredas enormes propagaram-se para o lugar onde se encontrava uma vala com outros *bidons*.

Aí a temperatura fez o seu trabalho, aqueceu, aqueceu, o *bidon* inchou, inchou, não suportou mais e buuummm, o estouro foi tremendo, foi brutal, tudo abanou, o combustível saiu disparado como *napalm* acompanhado de terra, acabando por queimar tudo à sua volta.

Quando começou a cair era autenticamente uma chuva de fogo que estava a vir do céu, não sei se Sodoma e Gomorra tiveram algo parecido com o que se estava a viver no Biambi.

Ali entre as onze e a meia-noite rebentaram por este processo - *bidon* derrama para *bidon* e catrapuuuummm - sete *bidons*; não sei se foi isto que nos salvou, mas lá que ajudou, lá isso ajudou.

Quando se davam as explosões era como se fosse um vulcão a vomitar lava, fogo e estilhaços de metal das profundezas do inferno, então o último rebentamento, quando dois *bidons* explodiram em simultâneo, foi algo insuportável, todos os abrigos abanaram, o som, o fogo, a terra a arder, os bocados de metal saíram em disparada e levaram tudo o que estava à sua frente.

Não sei se o céu e o inferno tinham um ajuste de contas marcado para aquele dia e nós pobres coitados, fomos apanhados no turbilhão da briga sem nos terem consultado.

Por aquele lado o IN deixou de fazer fogo pelo menos com armas automáticas, pois o fogo propagou-se com bastante intensidade até à estrada e parte da zona arborizada.

No interior dos abrigos estava-se relativamente salvaguardado, todos nós, os que estávamos junto à barreira a fazer fogo, entrámos portanto para os abrigos logo que o primeiro *bidon* explodiu, felizmente não houve ninguém queimado ou atingido pelos estilhaços das chapas.

Esta ajuda também contribuiu para aliviar a milícia na tabanca, pois esta era próxima da zona dos *bidons*, o que contribuiu para o ataque deixar de ser tão intenso e para aliviar um pouco a pressão.

A luta continuou encarniçada durante mais uma hora sem ninguém se dar por vencido.

Por volta da uma da manhã, o IN abrandou o ataque.

Começou a retirar gradualmente e nós respirámos de alívio, o fogo diminuiu e gradualmente cessou.

Olhámos uns para os outros, já estávamos mais maduros, já estávamos conscientes que ali ninguém brincava e de que a nossa vida não tinha significado, ou não tinha o significado que algumas pessoas davam, tinha sim o significado colectivo, de que eu dou a minha vida se for preciso pela tua, sabendo que tu também disso és capaz.

Por volta das duas da manhã começámos a ver como estava o aquartelamento, se havia feridos, o que tinha sido destruído etc., etc.

Felizmente todos se encontravam escorreitos, feridos graves não havia.

Granadas de bazuca, morteiro e instalaza já começavam a escassear, munições para espingarda já não havia com grande fartura, enfim alguma falta de traquejo quer da nossa parte quer da 2464.

Todos nós, os Rapazes da 2531, tivemos o nosso baptismo de fogo, tirocínio e tudo o mais que se queira imaginar e portámo-nos como seria de esperar, lutando ombro a ombro com o pessoal da 2464.

Não sei como teria sido se estivéssemos sozinhos.

Não sei!

O que sei é que decerto as sentinelas estariam com um pouco de mais atenção. E aqui a minha dúvida - teríamos sido nós, os primeiros a abrir fogo?

Também não sei, o que sei é que depois de tanto fogo, explosões, incêndios e tudo o mais, as nossas forças tiveram apenas ferimentos ligeiros, os habitantes da tabanca além da destruição das moranças pouco mais tiveram.

Houve uma coisa que nessa noite todos nós tivemos, uma noite em claro, pois após um mano a mano deste tipo não há sono que apareça.

Quanto ao IN a coisa não foi bem assim, não foi só uma noite em claro.

No dia seguinte, quando se fez patrulha à zona do ataque, encontrámos rastos de sangue, restos humanos, sendo o maior um braço, encontraram-se também diversas munições, o resto duma coronha e diversas ligaduras.

Soubemos alguns dias depois que o IN teve 13 mortos e o ataque foi efectuado por 200 homens

Foi uma autêntica batalha.

Reforçou a nossa identidade e o nosso sentido de união, mas, acima de tudo, a nossa amizade, o que fez com que ao longo de todo o tempo de comissão o sentido de ajuda mútua estivesse sempre presente e poucos ou nenhuns conflitos de monta tivessem existido, apenas os pontuais, pois estando nós longe de tudo, os conflitos, a existirem, podiam ser insanáveis.

Tornámo-nos também mais soldados e guerreiros, pois **o IN veio atacar-nos a casa, o que é de todo inadmissível.**

Muitos de nós tomaram isto como pessoal, pois passaram, sempre que tiveram hipótese, a oferecer-se como voluntários para operações, algumas delas de alto risco.

JOÃO FRAGA  
UTIB 1727